

Memória LGBT em revista: um periódico na luta contra a invisibilidade

LGBT memory in magazine: a journal in the fight against invisibility

Tony Willian Boita*

Manuelina Maria Duarte Cândido**

Resumo: O presente artigo possui como propósito uma abordagem interdisciplinar para a reflexão sobre novas metodologias visando à promoção do direito à memória da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais Travestis e Transexuais). Buscou-se também discutir o processo de musealização frente às demandas contemporâneas e perceber como os museus e a Museologia atuam em relação a estas memórias. Para o desenvolvimento deste texto, a análise concentrou-se no periódico digital Revista Memória LGBT, ferramenta voltada à promoção e disseminação da memória desta comunidade. Para tal, objetivamos verificar os limites e possibilidades de contribuição da Revista como meio para mapear o estado da arte da memória LGBT e como ela equaciona suas lacunas.

Palavras-chave: Musealização; Museologia; Revista Memória LGBT; Visibilidade.

Abstract: The purpose of this article is to provide an interdisciplinary approach to reflect on new methodologies aimed at promoting the right to memory of the LGBT community (Lesbians, Gays, Bisexuals, Transvestites and Transsexuals). We also seek to discuss the musealization process in face of contemporary demands and understand how museums and Museology act in relation to these memories. For the development of this text, the analysis focused on the digital journal Revista Memória LGBT, a tool aimed at promoting and disseminating the memory of this community. To this end, we aim to verify the limits and possibilities of contribution of the Journal as tool to map the state of the art of LGBT memory and how it equates its gaps.

Key-words: Musealization, Museology, Memory LGBT Journal, Visibility

Introdução

O processo de invisibilização das memórias da comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais Travestis e Transexuais)¹ ocorre a partir da negação da diferença nos espaços de memória. Esse apagamento é proposital e permeia os museus, patrimônios, coleções e acervos ignorando e “higienizando” as existências que fogem

* Doutorando em Comunicação (UFG), Mestre em Antropologia Social (UFG), Especialista em Gestão Cultural (SENAC) e Graduado em Museologia. É diretor do Museu das Bandeiras, Museu de Arte Sacra da Boa Morte e Museu Casa da Princesa. E-mail: tonyboita@hotmail.com

** Doutorado em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Portugal (2012) Professor Titular da Université de Liège, Bélgica. E-mail: manuelin@uol.com.br

¹ Neste artigo, convencionamos o termo LGBT para atender a nomenclatura da política pública brasileira (BOITA, 2014; 2018), o que não quer dizer que as outras sexualidades e identidades serão excluídas do debate.

da normatividade dos gêneros e das sexualidades. Destarte, “esta invisibilidade museal, favorece o esquecimento e conseqüentemente fortalece as fobias à orientação sexual e identidade de gênero” (BAPTISTA; BOITA, 2017, p. 29).

O método de invisibilização não é uma prática exclusiva do âmbito da sexualidade. Como exemplo, observamos no campo museológico e patrimonial a atuação do patriarcado. Mesmo com a expressividade de mulheres no campo, ainda há fortemente a invisibilidade de ações protagonizada pelas mulheres negras (FLORES, 2017, p. 49), indígenas (BAPTISTA; BOITA; WICHERS, 2019, p. 9), enfim, um silenciamento das mulheres (OLIVEIRA; QUEIROZ; 2017, p. 65) e das múltiplas sexualidades. Segundo Audebert, Queiroz e Wichers,

Historicamente e de modo geral percebemos que os museus representam os gêneros de modo a reiterar as relações e os lugares de mulheres e homens na ordem social hegemônica do sistema patriarcal. Com isso, reforçam ideias e criam cenários que operam na manutenção das opressões e violências. (AUDEBERT; QUEIROZ; WICHERS, 2019, p. 96)

Como exemplo deste modelo normativo, Adrienne Rich (2010) mostra a estratégia do “fechamento de arquivos e da destruição de documentos relacionados com a existência lésbica” (2010, p. 24). Angela Davis lembra de Miss Major, uma “idosa negra, transgênera homem para mulher, e ex presidiária, nascida e criada no South Side de Chicago e ativista veterana. Ela participou da Revolta de Stonewall, em 1969.” (DAVIS, 2017, p. 94).

Neste momento, as lutas por igualdade se apropriam da ideia de interseccionalidade, entendendo a necessidade de afirmar que o combate ao preconceito e à desigualdade de gênero não pode negar outros aspectos que complexificam a questão, tais como raça e classe social. Segundo Vergès, (2019, p. 23) “un féminisme qui ne se bat que pour l'égalité de genre, qui refuse de voir combien l'intégration laisse les femmes racisées à la merci de la brutalité, de la violence, du viol et du meurtre, est finalement complice”².

A invisibilização também se dá a partir do medo, censura e/ou criação de estereótipos. Segundo Rafael Machado (2019, p. 61), “O medo é novamente a estratégia usada pelos conservadores, para tentar conter e invisibilizar a realidade (...)”. Esse esquecimento favorece o aprofundamento e a negação de traumas como o

² Tradução livre: “um feminismo que luta apenas pela igualdade de gênero, que recusa ver o quanto a integração deixa as mulheres racializadas à mercê da brutalidade, da violência, do estupro e do assassinato é, afinal, cúmplice”.

que foi enfrentado por homossexuais durante a epidemias da AIDS/HIV e que perpetua até os dias atuais, como aponta Alex Godoy Padilha de Souza (2020).

Tomamos de Wichers os conceitos de memórias exiladas e subalternizadas para afirmar que as memórias LGBT encontram-se ainda exiladas dos museus convencionais e subalternizadas em outras mídias como a televisão e mídia impressa. Segundo a autora,

Quando analisamos as memórias representadas nos museus a partir da interseção entre gênero, classe e raça, para mencionar apenas alguns marcadores sociais da diferença, observamos que as memórias de mulheres, sobretudo, as negras e indígenas, assim como as memórias de mulheres e homens que desafiam as normas de uma sociedade racista e heterocentrada, têm sido destinadas ao exílio ou à subalternidade. As memórias exiladas se referem aos silenciamentos e exclusões. As memórias subalternizadas são aquelas que estão nos espaços museais e de memória, mas a partir de representações frequentemente estereotipadas e marginais (WICHERS, 2018, p. 143).

Portanto, como iniciativa para enfrentar a invisibilização das sexualidades não normativas no âmbito dos museus e da Museologia, foi criada, em 2013 a Revista Memória LGBT – RMLGBT. Este periódico tem como premissa a salvaguarda e a comunicação³ das memórias LGBT. Tal iniciativa atende a uma demanda e direito contemporâneo em superação a homolesbotransfobia e enfrenta a ausência do protagonismo LGBT em museus e espaços de memória. A RMLGBT é disponibilizada por meio do domínio público (www.memoriaslgbt.com), de livre acesso e disponível em diferentes formatos. Para sua realização, conta com apoio da Rede LGBT de Memória e Museologia Social⁴. A RMLGBT possui o Número Internacional para Publicações Seriadas - (International Standard Serial Number) ISSN 2318-6275. Em seu formato virtual, colaborativo e compartilhado, pretende atender demandas que promovem a memória dos gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Segundo Boita e Baptista,

Compreendendo que os museus do Brasil não estariam abertos à temática LGBT após sucessivas tentativas em montar exposições em distintos espaços museológicos, os autores do presente artigo iniciaram uma outra jornada interessada na produção de exposições virtuais, reunião de material destinado à afirmação da memória e história LGBT e na significação positiva de conteúdos propriamente museológicos (BOITA; BATISTA, 2014, p. 186).

³ A cadeia operatória museológica de salvaguarda e comunicação patrimoniais envolve uma série de procedimentos que visam à preservação, tais como documentação, conservação, exposição e ação educativo-cultural (DUARTE CÂNDIDO, 2003, p. 198).

⁴ Criada em 2012 durante o V Fórum Nacional de Museus.

Destacamos ainda que a RMLGBT adotou uma metodologia compartilhada, participativa e colaborativa. Tal método caracteriza-se por mapear iniciativas em memória e museologia social que promovam o protagonismo da memória LGBT por meio de: 1) Mapeamento colaborativo feito pela equipe RMLGBT; 2) Mapeamento colaborativo realizado em parceria com a sociedade civil e instituições públicas; 3) Mapeamento por meio de entrevistas com personalidades públicas; 4) Registro e preservação do mapeamento; 5) Disponibilização bimestral em formato de revista do mapeamento enviado.

Além das iniciativas mapeadas, a RMLGBT também registra demandas, angústias, anseios e denúncias relativas aos direitos LGBT, bem como, apresenta entrevistas, dicas de programação como cinema, literatura, teatro e paradas LGBT, além de outros temas elencados pelos colaboradores. Todo o material enviado é analisado por um corpo editorial indicado pela Rede LGBT de Memória e Museologia Social, responsável por selecionar e revisar o conteúdo. Para tal, esta revista é autônoma, colaborativa e democrática, e com isso pretende-se agregar, disseminar e salvaguardar a memória, história, o patrimônio cultural e ações de museologia social da comunidade LGBT.

Este artigo pretende apresentar e analisar trajetória da Revista Memória LGBT, atualmente com 11 edições publicadas. Ele se baseia, em alguma medida, no trabalho de conclusão do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Goiás de Tony Willian Boita “Memória LGBT: Mapeamento e Musealização em Revista”, orientado por Manuelina Maria Duarte Cândido e defendido em dezembro de 2014. Trata-se, entretanto, de um texto inédito, em que esta atua aqui não como orientadora, mas como co-autora, e passados mais de cinco anos, não somente os dados não são os mesmos, como a perspectiva de análise adquire mais escala e distanciamento.

A Revista Memória LGBT

Segundo análise quantitativa, apresentada na Figura 1, a Revista Memória LGBT em sete anos publicou 11 edições e 128 matérias. Neste período as contribuições para a RMLGBT foram 1) 7,03% encomendadas pela redação da RMLGBT; 2) 12,18% enviadas espontaneamente e selecionadas pelo corpo editorial; 3) 25,78% escritas pela redação da RMLGBT; 4) 15,62% republicados de outras fontes; 5) 9,98%, resultado de entrevistas realizadas. Até o momento, a revista possui mais de 130 colaboradores do Brasil e América Latina de diferentes áreas profissionais, além de um corpo editorial,

fotógrafo, *web designer*, diagramador e programador. Entre as áreas de atuação do corpo editorial há museologia, conservação e restauro, história, pedagogia, psicologia, educação, etc. A revista consiste em fonte primária com a disponibilização de material bruto para análise por pesquisadores, tais como as entrevistas, e já tem sido utilizada como uma importante referência em pesquisas acadêmicas. Por fim, segundo os dados apresentados a RMLGBT é um periódico construído coletivamente entre diversas experiências de diferentes regiões e realidades da América Latina.

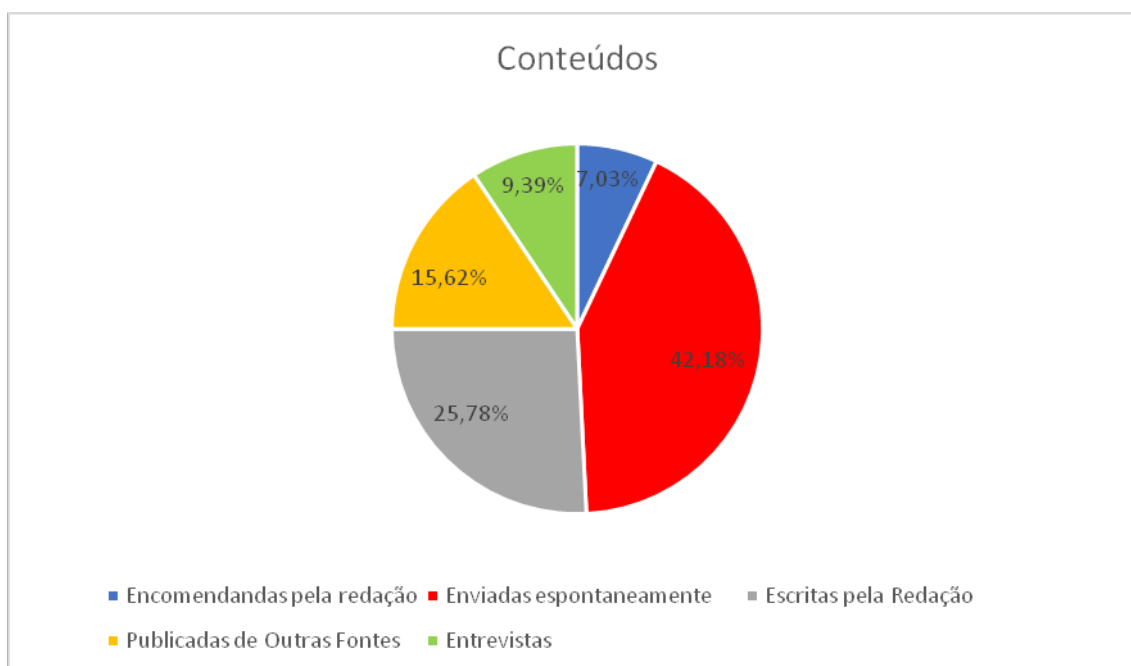


Figura 1 – Gráfico com a sistematização de dados quantitativos sobre o material publicado pela RMLGBT. Fonte: BOITA, 2014.

A Revista Memória LGBT em sua primeira edição teve como tema os Afro LGBT. O lançamento oficial ocorreu em 20 de novembro de 2013, Dia da Consciência Negra. Esta edição refletiu, a partir da ótica da sexualidade, raça e a presença dos Afro-LGBT na memória nacional. Foi feita uma homenagem a Madame Satã⁵ e, entre as contribuições, apareceram 1) Mulheres negras e lésbicas; 2) História da África e o pensamento LGBT; 3) Entrevista da Madame Satã – entrevista publicada originalmente em 1971 pelo semanário O Pasquim; 4) Mapeamento dos núcleos de estudo, pesquisa e extensão LGBT no Brasil; 5) Boletim da Rede LGBT de Memória e Museologia Social, além do calendário nacional das paradas LGBT. Portanto, a RMLGBT iniciou seu ciclo

5 João Francisco dos Santos (1900-1976), mais conhecido como Madame Satã, nascido em Pernambuco, ganhou fama no bairro da Lapa como um dos célebres boêmios, mas passou seus últimos dias na cidade de Ilha Grande. Foi cozinheiro, capoeirista, homossexual, sambista e presidiário.

de debates abordando a resistência da memória da comunidade LGBT afro-brasileira e tomando-a como inspiração para a superação da homolesbotransfobia.

Em sua segunda edição o tema homenageou a visibilidade travesti e trans. Diferente do periódico anterior, esta foi acompanhada de sorteio de DVD e CD de uma das entrevistadas, além de uma videoconferência com doze participantes. A edição foi lançada 20 de janeiro de 2014 em comemoração ao dia da visibilidade travesti (29 de janeiro). As primeiras páginas foram dedicadas às memórias de 121 travestis e transexuais assassinadas em 2013, enviado por Indianere Siqueira, Presidente da Rede Trans Brasil. Destaca-se que esse foi o ano mais violento para a população de pessoas travestis e transexuais (T), tornando o país um dos territórios que mais mata pessoas T e LGB (Lésbicas, Gays e Bissexuais) no mundo (Boita, 2018).

Com o tema #nossasmusas foi traçada uma analogia entre as musas do olimpo e as musas travestidas através de uma exposição virtual em revista. Essa metodologia tentou sanar a ausência de exposições físicas em museus e espaços de memória voltados a travestis e transexuais. A RMLGBT homenageou quatro personalidades da comunidade travesti e transexual, Renata Peron, artista e cantora de música popular brasileira, MC Xuxu cantora e compositora de *funk*, Marcela Ohio, primeira brasileira a receber o título de Miss Internacional Queen (2013), o mais alto título de beleza desta comunidade e Giuseppe Campuzano, idealizador do Museu Travesti no Peru.

Este volume recebeu a primeira contribuição internacional, vinda de um colaborador do Chile, Rodrigo Azócar, com o trabalho “Algumas notas etnográficas sobre o mercado e visibilização *gay* em Valparaíso – Chile”. Apresentou também; A) Denúncia a violação de direitos humanos a travestis e transexuais; B) Casas de proteção e acolhimento a comunidade travesti e transexual, fundada em Goiânia; C) Trans mulheres negras; D) Homens transexuais; E) Nome social; F) Coligay e torcidas LGBT brasileiras; G) Exposição em Museus; H) Boletim da Rede LGBT, além de dicas de literatura, *web série*, cinema e artigos. Por fim, é possível perceber que esta edição foi contemplada com diferentes contribuições, no entanto, o protagonismo foi ocupado pela memória de travestis, trans homens e mulheres.

Para a terceira edição, a Revista Memória LGBT se preocupou com o patrimônio cultural LGBT. Com este tema, buscou-se afirmar a premissa da RMLGBT em mapear iniciativas em memória e museologia social e suas potencialidades patrimoniais. Esta edição foi lançada em 20 de abril de 2014. O tema patrimônio cultural LGBT buscou exatamente evidenciar as lacunas e aspectos negligenciados, além de estimular o mapeamento da memória LGBT.

Nesta edição, foi possível averiguar a ausência e o desinteresse da maioria das instituições de memória em abordar esta temática, assegurando assim seus discursos heteronormativos. Também foi possível apontar alguns indicadores do que seria o Patrimônio Cultural LGBT e debater os seguintes temas: A) Mapeamento preliminar; B) Os resultados negativos da ausência da promoção de cultura, memória e identidade da comunidade LGBT; C) O patrimônio imaterial LGBT; D) O direito de travestis em presídios; E) O tombamento do Cine Ideal, espaço de sociabilidade LGBT; F) A homossexualidade na escola; G) Turismo LGBT; H) A própria dinâmica da revista e a vida cotidiana dos colaboradores. Como conclusão, é possível perceber que a comunidade LGBT ainda não havia se apropriado do seu patrimônio cultural.

A quarta edição da Revista Memória LGBT trouxe como tema o combate a homofobia nos museus e espaços de memória. Assim, a RMLGBT convocou todos os LGBT que trabalham ou se relacionam com museus e espaços de vocação museológica a refletirem a respeito da homofobia institucional. Em paralelo a isso, o periódico buscou refletir sobre a futura sede do Museu da Diversidade de São Paulo. Sem dúvida, esta foi a edição mais expressiva até o momento, tanto no número de colaborações, quanto de leituras. Tal dado permite afirmar que existe, sim, a homofobia em equipamentos de memória, uma vez que a maioria dos colaboradores são profissionais de museus que contribuíram, a partir de seus olhares e experiências, com os seguintes assuntos; A) Ditadura e homossexualidade; B) Exposições LGBT em museus; C) Racismo, homofobia e machismo; D) Entrevista com o presidente do Instituto Brasileiro de Museus; E) Memória LGBT no cinema; F) A história da homofobia e dos direitos humanos; G) Os resultados negativos da reprodução na imprensa da homofobia. Portanto, é patente a existência do preconceito em relação aos LGBT em instituições de memória e a RMLGBT tornou-se, como era pretendido, um mecanismo de denúncia.

Em comemoração ao dia 29 de agosto, efeméride ligada à visibilidade lésbica, a Revista Memória LGBT propôs refletir sobre o patrimônio cultural lésbico, uma edição, a quinta, lançada em 20 de agosto de 2014. Com isso, a Revista apresenta registros e indicadores de memória protagonizados por lésbicas, como é o caso das ações promovidas em torno da Caminhada de Lésbicas e Mulheres Bissexuais. A ilustração da capa foi enviada por um colaborador, que se inspirou pela leitura da terceira edição da Revista. Entre os principais assuntos, estão: A) As relações entre transexuais e lésbicas; B) A história dos 12 anos da caminhada de lésbicas e bissexuais; C) Exposição; D) Além de crítica de cinema e dicas de literatura e teatro. Portanto, com

este tema a RMLGBT fecha o ciclo de debates em 2014, apresentando a memória de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

A sexta edição da Revista Memória LGBT foi pensada para comemorar seu aniversário de 1 ano, e lançada em 20 de novembro de 2014. Esta publicação foi uma das menores edições da Revista. Segundo o editorial, esta edição abordou

(...) o direito à memória. Inicialmente Henrique Caproni, nos apresenta o Miss Brasil Gay que já é patrimônio de Juiz de Fora. Em seguida, Bruno Silva Kauss e Edegar Ribeiro Júnior discutem o reconhecimento do direito à diferença em uma sociedade multicultural. Posteriormente, Leonardo Ferreri, denuncia a violência rotineira a uma adolescente lésbica. O psicanalista Araújo, discute a necessidade de enfrentar os fantasmas. E para encerrar essa edição, Alan Vilela Barroso nos ensina a educar discriminando. (BOITA, 2014, p. 01)

Portanto, ao longo das seis primeiras edições, a Revista Memória LGBT procurou cartografar e refletir sobre as memórias, patrimônios, museus e acervos que promovessem e/ou incluíssem os indicadores de memória LGBT, bem como, metodologias e ações utilizadas em espaços museais para a superação de fobias a diversidade sexual.

Memórias LGBT como Pesquisa-Ação

As edições sete, oito e nove foram construídas a partir da realização e registro de práticas. Os editores e idealizadores da RMLGBT saem da análise e passam a refletir de forma “distanciada” para o universo de aplicação juntamente com o Museu de Favela Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (MUF) e a comunidade LGBT carioca moradora de favela. Tais experiências podem ser consideradas práticas de pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986).

Estas três publicações tornaram-se diferenciadas das que as antecederam, uma vez que a parceria entre o MUF a RMLGBT foi contemplada no II Programa de Fomento à Cultura Carioca com o projeto Memórias LGBT no MUF. Tal iniciativa desenvolveu ações específicas que relacionam a memória LGBT aos 450 anos do Rio de Janeiro e promoveu o empoderamento de jovens LGBT da favela do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo (PPG). A equipe foi composta por doze pessoas, entre elas Yonne Karr, João W Nery e Jean Baptista consultores do projeto. Segundo Boita (2018, p. 80),

Essas estratégias estavam articuladas no projeto Memória LGBT no MUF, primeira ação em um museu comunitário do Brasil a abordar as intersecções de orientação sexual, identidade de gênero, patrimônio e

direitos humanos. Neste morro carioca, ao longo de 2015, a referida ação, foi coordenada pelo editor chefe da Revista Memória LGBT juntamente com o coordenador cultural do Museu de Favela (MUF), desenvolveram-se três edições da Revista Memória LGBT, distintos processos de musealização, exposições, seminários e intervenções interessadas na promoção da memória e da dignidade humana de pessoas LGBT da comunidade.

A sétima edição foi lançada em abril de 2015. Com o tema ser lésbica na favela, refletiu sobre a presença destas mulheres na comunidade do PPG. Por intermédio de rodas de conversa, debates e capacitações, as mobilizadoras do projeto realizaram entrevistas com outras lésbicas. Como resultado foi produzida a exposição em revista⁶ “Ser Lésbica na Favela” que contou com depoimentos que retratam a realidade muitas vezes silenciada pela violência em nosso país, mas que teimam em superar, ofertando o que têm de melhor à cidade: as memórias da resistência. Destacamos que toda esta edição foi produzida exclusivamente por pessoas que participaram do projeto, em especial, as mulheres lésbicas⁷.

A edição *Ser Gay na Favela* foi a oitava, lançada em 27 de junho de 2015, abrangeu a memória da comunidade *gay* moradora das favelas do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo. A edição contou com a exposição em revista, a partir das entrevistas e relatos de alguns homens *gays* da comunidade. Além disso, refletiu-se sobre as memórias de Mário de Andrade, Clóvis Bornay, bem como, apresentou-se o resultado do Seminário *Museus, Memória e Museologia LGBT*. Segundo a coordenação do projeto o objetivo foi (BOITA, 2015, p. 21);

promover, estimular e fomentar a memória LGBT com os princípios estabelecidos pelos Direitos Humanos. Procuramos, portanto, demonstrar que na contemporaneidade os museus e iniciativas comunitárias em memória e museologia social devem estimular o diálogo entre a memória, saúde, cultura, educação e cidadania, instigando nas instituições museológicas abordagens não fóbicas aos LGBT. Hoje ficamos muito felizes de vermos que LGBT profissionais de museus que antes não se assumiam nem se preocupavam com o tema já começam a ficar constrangidos em viver no armário profissional. A expectativa, de fato, é tirar a museologia brasileira do armário – ou melhor, da reserva técnica.

A publicação que encerrou o projeto Memória LGBT no MUF foi a *Ser Trans na Favela* em comemoração aos 450 anos do Rio de Janeiro. Esta nona edição foi uma

⁶ “Exposição em revista” categoria que aparece em números da RMLGBT após a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso em Museologia de Tony Boita (BOITA, 2014), remete aos argumentos ali presentes e abre uma vereda para a utilização da revista à guisa de exposição, especialmente para temas aos quais museus convencionais ainda são refratários.

⁷ Ana M., Jack, Fumaça e Luana.

das mais lidas nas plataformas digitais. Em suas páginas, são apresentadas as memórias e histórias da comunidade travesti e transexual moradora de favela. A partir de relatos orais e rodas de conversa foi possível produzir a exposição em revista “Ser T na Favela”, onde foram apresentadas as memórias esquecidas de travestis e transexuais em iniciativas comunitárias em memória e museologia social, museus e espaços de vocação museológica. Nesta ação, foi destacada uma das transexuais mais populares da comunidade do PPG, Yonne Kaar,

Nasceu na Galeria Alaska, em Copacabana, território da comunidade LGBT desde fins da década de 1950 até os anos 1990, período em que concentrou bares, boates, cinema, teatros e shows que alcançaram fama internacional. Ali também nasceu Rogéria, Jane de Castro, Marquesa e Roberta Close, entre outras, em boates como Stop, Sótão e Leopardos. O nome Ihe foi dado por sua madrinha, Vivian Karr - o sobrenome remete à cantora Vikky Carr. De lá para cá, Yonne Karr tornou-se uma estrela transex reconhecida por sua beleza e talento (BAPTISTA, 2015, p. 8).

A análise destas três edições foi aprofundada durante o mestrado de Tony Boita em Antropologia Social na UFG, sob orientação da Prof^a Dr^a Camila Moraes Wichers. Naquele trabalho, com o título “Cartografia etnográfica de memórias desobedientes” (2018) foram revisitadas as edições e realizada uma reflexão baseada em um olhar etnográfico sobre as mesmas, considerando os marcadores sociais da diferença, a saber, gênero, raça e classe.

Após as publicações do projeto Memória LGBT no MUF, a equipe da Revista Memória LGBT paralisou suas ações por um ano, devido à ausência de recursos, dificuldade na coleta e na produção de conteúdo. Havia muitas visualizações, leituras, mas pouca participação ativa. As atividades foram retomadas em 2016, com o apoio do pesquisador Pedro Augusto Chaves.

A décima edição debateu os temas da política, memória e saúde da comunidade LGBT, e foi lançada em 21 de setembro de 2016. Nesse periódico foi apresentada a pesquisa somada com a exposição em revista sobre o Dzi Croquettes. Este grupo surgiu,

Em um dos seus momentos mais rigorosos, com a instauração do Ato Institucional nº 5 (13.dez.1968), o aumento significativo da censura, do medo e da violência, surgiu um grupo formado por homens que marcaria os periódicos daquela época e as cabeças daqueles que, por ocasião dos espetáculos, puderam presenciar sua expressividade. (CHAVES, 2016, p. 11)

Novamente, após o lançamento da Revista em setembro de 2016, as atividades foram paralisadas, mas agora por um tempo maior, quatro anos. Nesse período houve iniciativa de captação de recursos, editais foram conquistados, mas nenhum foi pago. No final de 2019, com o estímulo de Rafael Muniz, organizador do IV Seminário de Política de Acervo, que teve como tema “Memórias e Patrimônios LGBT” ficou evidente a pertinência de retorno ao formato original. Na ocasião foi visível o impacto dessa ação entre os participantes do evento e, a partir daí, o projeto da Revista foi retomado, com novo nome, nova identidade e uma nova metodologia.

A décima primeira edição teve como tema a preservação das memórias LGBT e foi lançada em abril de 2020. Esta edição teve uma renovação em sua linha editorial, logomarca e uma nova identidade visual. Nela foram apresentadas algumas estratégias de salvaguarda dos acervos, vestígios, histórias e indicadores de memória LGBTIQ+ utilizada por museus e iniciativas comunitárias brasileiras.

Portanto, a Revista Memória LGBT, com suas onze edições, tornou-se um mecanismo ativo e profícuo na salvaguarda e na comunicação da memória LGBT. Por meio de suas diversas edições, a RMLGBT vem sendo lida em diferentes partes do Brasil e do mundo. Além de promover a cultura, memória e identidade LGBT, ela é utilizada para denúncias, por meio de depoimentos enviados, bem como se configura em uma importante ferramenta para a afirmação e o empoderamento dos jovens LGBT. Portanto, a RMLGBT é um instrumento que, ao promover e salvaguardar os vestígios do protagonismo não normativo, vem superando a homofobia e a transfobia na memória nacional.

O processo de musealização aplicado à Revista

Como já foi mencionado, o argumento de refletir sobre a Revista Memória LGBT como uma espécie de processo de musealização destas memórias invisibilizadas em museus convencionais foi defendido no TCC de Boita (2014). O processo de musealização está presente em todas as tipologias e natureza de museus, mas ganha destaque em museus e iniciativas comunitárias ligadas a memória e museologia social, exatamente porque o processo é ainda mais relevante que um produto, que pode vir a ser ou não um museu e, especialmente, pode ou não ser institucionalizado. O processo de musealização diz respeito à ressignificação dos objetos materiais, mas também à valorização de outras referências patrimoniais, imateriais ou naturais (lembrando que todas estas categorias são convenções e que o patrimônio se apresenta de forma muito

mais integrada que estas compartimentações fazem pensar). Este processo de valorização e realce depende de seleção, ou seja, implica inevitavelmente, exclusões. Assim, a curadoria, o processo editorial e os processos de musealização parecem muito semelhantes “(...) a musealização é a operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem, conferindo a ela um estatuto museal – isto é, transformando-a em *musealium* ou *musealia*, em um “objeto de museu” que se integre no campo museal. (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 57)”.

A musealização permite que os grupos e comunidades possam ter a oportunidade de compartilhar inúmeros significados a partir do contato de referências patrimoniais preservadas.

A prática demonstra, especialmente nas experiências da chamada Nova Museologia, e da Museologia Social, que nem sempre a extração precisa ser física, mas há necessariamente uma passagem de um contexto de origem a outro em que o objeto está presente mais para significar que para ser utilitário.

A Revista Memória LGBT desenvolve em suas ações algo análogo a um processo de musealização. Por intermédio das informações compartilhadas⁸ é realizada uma seleção. Em seguida, o material selecionado passa a ser preservado digitalmente, passando por programas de tratamento de imagem. Posteriormente, à sua editoração, a RMLGBT é disponibilizada ao público, tornando-se uma importante fonte de pesquisa e conhecimento. Por ser digital, a RMLGBT está disponível gratuitamente e apta a receber leitores/visitantes de todos os lugares. Considerar a RMLGBT um museu seria equivocado, pois mesmo ela desenvolvendo algumas das funções básicas das instituições museológicas ela permanece vocacionada como um periódico científico virtual. Considerá-la, pois, como um processo de musealização, ou uma iniciativa comunitária em memória e museologia social, seria mais adequado, no sentido de que todo museu é um processo de musealização, mas nem todo processo de musealização gera, necessariamente, um museu.

A Revista Memória LGBT, assim como os espaços de memória, possui uma relevante função social. Lançando um olhar museológico sobre a mesma, resolvemos traçar algumas analogias entre ela e os princípios fundamentais dos museus conforme consta no artigo 2 da lei nº 11904 que institui o Instituto Brasileiro de Museus – Ibram, “I – a valorização da dignidade humana; II – a promoção da cidadania; III – o cumprimento da função social; IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural

8 O termo “compartilhadas” refere-se a troca de conhecimentos e informações por diferentes comunidades de um mesmo assunto, sentido dado pela Comitê Consultivo do Programa Pontos de Memória do Ibram.

e ambiental; V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural; VI – o intercâmbio institucional” (BRASIL, 2009). Ao realizar uma comparação entre a definição do Ibram e as práticas da RMLGBT é possível perceber que esta é uma iniciativa museológica em potencial, em que paralelos podem ser traçados entre sua atuação e suas funções com as dos museus. Em ambos os casos, é possível identificar ações de salvaguarda e de comunicação de referências patrimoniais. A Revista virtual também, a sua maneira, documenta, conserva, expõe e estimula ações educativo-culturais e novas pesquisas.

As ações mencionadas referem-se à “cadeia operatória museológica, inerente à faceta de aplicação da Museologia, [e que] tem, portanto, uma série de potencialidades museológicas” (DUARTE CÂNDIDO, 2019, p. 61). Para Cristina Bruno (1996, p. 17), a salvaguarda museológica é composta por ações que visam à coleta, ao estudo, à documentação, à conservação e ao armazenamento de coleções ou referências. Já a comunicação museológica é compreendida pela autora como exposições, projetos educativos, ação sociocultural e avaliação de coleções ou referências. Em ambos os casos a salvaguarda e a comunicação compõem a preservação, que ocorre tanto em museus tradicionais como nos novos processos museais. Portanto, identificamos que métodos e técnicas semelhantes aqueles que visam a preservação dentro da cadeia operatória museológica estão sendo aplicadas nas práticas da RMLGBT.

A RMLGBT mesmo sendo um suporte virtual, também realiza, à sua maneira, a salvaguarda, compreendida como momento do processo museológico em que o objeto ganha seus primeiros documentos de inserção na vida museal. A aquisição é compreendida como a forma de entrada no acervo do museu, o primeiro passo para o objeto cotidiano ganhar o novo estatuto que o reconhece como portador de memórias.

O periódico recebe doações que são enviadas por usuários, em formatos de texto, imagem e vídeo, e todo o material recebido é analisado. O corpo editorial bimestralmente realiza a seleção do conteúdo que irá compor o acervo da RMLGBT, ação análoga à de uma comissão de acervo de museu. A revista comunica o resultado desta avaliação e todos os “doadores” com material aceito preenchem um termo de compromisso autorizando a publicação. Em alguns casos, a comunicação ou extroversão é realizada por meio de uma matéria na revista. Após a aquisição, a informação/memória/objeto passará por um tratamento digital. As imagens, quando necessário, são recuperadas com a aplicação de técnicas digitais de pigmentação. Cabe notar que a RMLGBT também preserva a memória LGBT em seu *website*. Todos acervos doados são preservados em suporte digital em diferentes servidores. Verifica-

se que quando a informação/memória/objeto se torna parte do acervo da revista, ganha múltiplos sentidos (POMIAN, 1984, p. 67), em especial referente à memória LGBT. Por fim, a RMLGBT ao possuir um regimento interno, normas de seleção, além de preservar o acervo em diferentes plataformas digitais, desenvolve uma analogia aos museus e sua função de salvaguardar.

A comunicação em museus é a porta de entrada do visitante. É por meio dela que o público poderá ter “acesso aos objetos que compõem as coleções⁹ (exposições de longa duração e informações associadas)” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 31), além de, conhecer, refletir e dialogar. A expografia, nos museus, é um elemento de comunicação, que se realiza por meio de “apresentação dos resultados da pesquisa efetuada sobre as coleções (catálogos, artigos, conferências, exposições)” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 35). Outra função de grande importância é a ação educativo-cultural, responsável pelo estímulo e interação entre visitantes, coleção e instituição. Portanto, os museus são instituições que se comunicam com o público de diferentes formas. Um museu sem pessoas, está fadado ao fracasso, tal qual a revista sem leitores. Segundo Bruno:

A exposição, obviamente, pressupõe pesquisa, coleta, documentação e conservação, e conduz a uma ação educativa que a completa. A exposição realiza (ou pretende) socializar o conhecimento, dizer algo a alguém (mensagem), viabilizar leituras inteligentes dos objetos e, através deles, da realidade (leitura do mundo, de que fala Paulo Freire). (BRUNO, 2010, p. 138)

A comunicação patrimonial da RMLGBT ocorre basicamente por intermédio de suportes virtuais, de acesso livre em seu *website*, por meio do formato *ebook*, livro em suporte digital, além de ser gratuita. Todas as edições podem ser lidas no próprio *site*, outra opção é a realização do *download* para ler posteriormente. Além disso, são disponibilizadas quinzenalmente notícias, matérias e agenda cultural LGBT. É possível também perceber que cada edição da RMLGBT é como uma exposição, em que se realizam uma curadoria e a extroversão dos conteúdos selecionados. Por meio de imagens e textos a RMLGBT narra a memória LGBT, levantando temas que conduzem ao debate. Por ser uma revista científica, ela também envolve a realização de pesquisas para sua produção, além de, após a publicação, tornar-se fonte para outras investigações. A ação educativa é desenvolvida a partir de videoconferências que

⁹ Vale lembrar que para os autores do presente artigo a noção de coleção é tomada de forma bem ampla, envolvendo não somente objetos materiais móveis, mais referências patrimoniais várias, inclusive as ditas imateriais ou naturais.

ocorrem durante o lançamento oficial de cada número. Nesta atividade é apresentado o periódico, além de ser debatido o tema proposto. Por fim, a RMLGBT, é uma importante experiência em que se torna possível utilizar a prática museológica em favor das memórias silenciadas nos museus.

A cadeia operatória museológica aplicada em museus e na RMLGBT

	MUSEU	REVISTA MEMÓRIA LGBT
INÍCIO DO PROCESSO DE MUSEALIZAÇÃO	AQUISIÇÃO DO ACERVO/COLEÇÃO	AQUISIÇÃO/DOAÇÃO DE ACERVO VIRTUAL
	PESQUISA	PESQUISA
CADEIA OPERATÓRIA MUSEOLÓGICA	MUSEU	REVISTA MEMÓRIA LGBT
	DOCUMENTAÇÃO DO ACERVO/COLEÇÃO	DOCUMENTAÇÃO DO ACERVO VIRTUAL
	CONSERVAÇÃO DO ACERVO/COLEÇÃO	CONSERVAÇÃO ATRAVÉS DE SUPORTE DIGITAL E TRATAMENTO DIGITAL EM FOTOGRAFIAS
SALVAGUARDA	EXPOGRAFIA	EXPÕE PERIODICAMENTE UM TEMA; EXPOSIÇÃO EM REVISTA;
COMUNICAÇÃO	AÇÃO EDUCATIVA	VIDEOCONFERÊNCIA MATERIAL DIDÁTICO EVENTOS SEMINÁRIOS

Figura 2: Cadeia Operatória Museológica aplicada em Museus e na RMLGBT. BOITA (2014)

Portanto, conforme a Figura 2, mesmo em suporte virtual, a RMLGBT desenvolve analogamente as funções básicas dos museus. Isso se dá porque, embora não tenha sido criada como um museu virtual, mas um espaço para a promoção da memória da comunidade LGBT, ela está sempre em diálogo com os conhecimentos do campo da Museologia. Por fim, a RMLGBT é uma busca de potencializar espaços de visibilidade para memórias negligenciadas.

Considerações finais

O presente artigo apresentou considerações sobre a Revista Memória LGBT (RMLGBT) e suas potencialidades para o mapeamento, salvaguarda, comunicação e promoção da memória LGBT. A RMLGBT é uma revista interdisciplinar e tornou-se uma importante ferramenta capaz de refletir sobre ausências nos museus e iniciativas

comunitárias em memória e museologia social, exercitando a reflexão inclusiva, poucas vezes colocada como central por profissionais de museus no Brasil. Ironicamente, esse estudo esteve motivado pelo silenciamento das instituições museológicas brasileiras no que tange à memória e o patrimônio da comunidade de LGBT, mas não ignorou as estratégias de superação nesse cenário.

De fato, em meio ao silenciamento, ações recentes têm demonstrado o desejo de memória da comunidade LGBT. Em diferentes partes do mundo, as instituições museológicas não só dialogam e promovem atividades e exposições para e com a comunidade LGBT, mas também a insere nos seus programas institucionais. Por fim, a partir destas experiências, materializou-se uma importante ferramenta capaz de salvaguardar e comunicar o patrimônio cultural e a memória LGBT.

Entendemos que a existência de um periódico como a Revista Memória LGBT contribui para aquilo que Wichers chama de “processos mnemônicos emancipadores.” (WICHERS, 2018, p. 149). A autora ressalta que no presente, quando “experenciamos o recrudescimento de uma agenda conservadora”, temos, por outro lado, o entrelaçamento de enfrentamentos em torno de questões de gênero e sexualidade:

Nesse sentido, as alianças entre movimento feminista e LGBT também se fizeram sentir – não sem resistências de segmentos desses movimentos, alimentando-se da construção teórica, metodológica e política de uma museologia voltadas às memórias LGBT (WICHERS, 2018, p. 150).

Como solução para os problemas apresentados, o presente estudo analisou uma experiência alternativa e que pode ser inspiradora. Frente à ausência da preservação da memória LGBT nos museus, espaços de memória, processos de tombamento e registro, a RMLGBT vem visibilizando-os em suas publicações, geradas a partir de contribuições espontâneas e pesquisas do próprio corpo editorial, além de estimular museus e outros espaços de memória a incluírem a pauta LGBT em suas ações e programas, evitando os “estereótipos e valorizando as pessoas independentemente de sua identidade de gênero e orientação sexual” (SANTOS, 2017, p. 94).

A proposta aqui denominada como exposição em revista – a ser aprofundada em futuras experiências – e o mapeamento patrimonial revelam-se como importantes possibilidades estratégicas para potencializar memórias negligenciadas. Ressaltamos as contribuições interdisciplinares em prol da memória LGBT, que se fortalecem e se complementam. Exemplo desse diálogo são as matérias enviadas por profissionais LGBT de diferentes áreas de conhecimento, demonstrando assim largo espectro de

produções acadêmicas que a Revista ajuda a documentar e a difundir, inclusive para o público não universitário. Com a criação desta Revista, foi possível verificar um diálogo entre os diferentes campos de conhecimento que se debruçam sobre o tema, além de realçar as ações, por vezes solitárias, que promovem os direitos à memória e o patrimônio cultural LGBT.

Por fim, o presente artigo, apresentou as estratégias da RMLGBT, para a salvaguarda e comunicação da memória LGBT em formato de revista, contribuindo para a superação de fobias que atingem a comunidade.

Referências

BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e Museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. *Cadernos do Ceom*. Chapecó, v. 27, n.41, p. 175-192, dez. 2014. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2602>>. Acesso em: 12 Abr. 2016.

_____. Museologia e Comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. *Cadernos de Sociomuseologia*, [S.l.], v. 54, n. 10, July 2017. ISSN 1646-3714. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/5948>>. Acesso em: 12 Fev. 2018.

BAPTISTA, Jean Tiago; WICHERS, Camila Azevedo de Moraes; BOITA, Tony Willian. Mulheres Indígenas nas Missões: patrimônio silenciado. *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 27, n. 3, 56150, 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000300214&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Mai 2020.

BAPTISTA, Jean. Exposição em Revista: Yone Kaar. In: *Revista Memória LGBT*, v.9, n.1, 2015, p.08-12. Disponível em: < www.memoriaslgbt.com/edicoes >. Acesso em: 12 Mai 2018.

BOITA, Tony Willian. *Memória LGBT: Mapeamento e Musealização em Revista*. 2014. 62 f. TCC (Graduação) - Curso de Museologia, UFG, Goiânia, 2014. Disponível em: <[HTTPS://www.cienciasociais.ufg.br/up/106/o/TCC_Tony_Museologia_UFG_2014.pdf](https://www.cienciasociais.ufg.br/up/106/o/TCC_Tony_Museologia_UFG_2014.pdf)>. Acesso em: 01 Mai 2016.

_____. Editorial. In: *Revista Memória LGBT*, v.6, n.1, 2014, p.01-02. Disponível em: < www.memoriaslgbt.com/edicoes >. Acesso em: 18 Mar. 2018.

_____. Memória LGBT no MUF. In: *Revista Memória LGBT*, v.8, n.1, 2015, p.07-10. Disponível em: < www.memoriaslgbt.com/edicoes >. Acesso em: 18 Mar. 2018.

_____. *Cartografia etnográfica de memórias desobedientes*. 2018. 211 f. Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Goiás, 2018. (Dissertação de Mestrado)

BRASIL. *Estatuto Brasileiro de Museus (2009)*. Lei 11904. Disponível em: < <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/.../estatuto-de-museus-lei-11904-09>> Acesso em: 12 Out. 2018.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: Textos e Contextos de uma Trajetória Profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2010. Colaboradores Marcelo Mattos Araujo, Maria Inês Lopes Coutinho

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. *Museologia e comunicação*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, n. 9).

CHAVES, Pedro Augusto. Dzi Croquettes. In: *Revista Memória LGBT*, v.10, n.1, 2016, p.12-18. Disponível em: < www.memoriaslgbt.com/edicoes >. Acesso em: 18 Mar. 2018.

DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo, Boitempo, 2018.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Ed.). *Conceitos-Chave de Museologia*. São Paulo: Pinacoteca do Estado: Secretaria de Estado da Cultura: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus, 2013. 100 p. Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury, tradução e comentários. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Conceitos-ChaveMuseologia_pt.pdf>. Acesso em: 22 Nov. 2014.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. *Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro*. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia: Centro de Estudos de Sociomuseologia, 2003. (Cadernos de Sociomuseologia).

_____. *Gestão de Museus, um desafio contemporâneo: diagnóstico museológico e planejamento*. 3ª Edição. Porto Alegre: Padula Livros, 2019. 240 p.

FLORES, Joana. *Mulheres negras em Museus de Salvador: Diálogo em Branco e Preto*. Salvador: Halley, 2017. 151 p.

MACHADO, Rafael dos Santos. *Museologia e sexualidade: imaginação museal e coletivismo LGBT da Casamor de Aracaju/SE*. 2019. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de; QUEIROZ, Marijara Souza. Museologia – substantivo feminino: reflexões sobre museologia e gênero no Brasil. In: *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, nº 5, setembro 2017, p. 61-77.

POMIAN, Krzysztof. “Coleção” in: *Memória – História*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. (Enciclopédia Einaudi, 1)

RICH, Adrienne. “Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica”. In: *Revista Bagoas*, n. 10. Natal: UFRN, 2010.

SANTOS, Suzy da Silva. *Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: Estudo exploratório de possibilidades museológicas*. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Museologia, Universidade de São Paulo, 2017. (Dissertação de Mestrado)

SOUZA, Alex Godoy Padilha de. *A construção da memória da epidemia de AIDS e seus desdobramentos: Qual o lugar dos museus nessa história?* 2020. 138 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1986.

VERGÈS, Françoise. *Un féminisme décolonial*. Paris : La Fabrique Édition, 2019.

WICHERS, Camila A. de M. Museologia, Feminismo e suas ondas de renovação. In: *Museologia & Interdisciplinaridade*, 7 (13), 2018, p. 138-154. Disponível em: <<https://doi.org/10.26512/museologia.v7i13.17781>>. Acesso em: 22 Abr. 2020.

Data de recebimento: 28.06.2020

Data de aceite: 08.09.2020